



■ Gasômetro da antiga fábrica da Rua Toledo e a escritura da constituição da companhia.



**A Sociedad Madrileña para el Alumbrado de Gas, o primeiro antecedente de Gas Madrid**

# Uma iluminação complicada

Em 1831-1832, coexistiam em Madrid três projetos de iluminação a gás: o da Prefeitura para iluminar a cidade de forma estável; o da realização de uma iluminação efêmera para eventos pontuais; e, finalmente, o da construção de uma fábrica de gás no Palácio, para seu uso particular. Esses elementos foram o marco de um desenvolvimento difícil e com importantes complexidades.

Por Pedro-A. Fábregas ■ Fotografias: Archivo Histórico Fundación Gas Natural Fenosa

**N**o dia 20 de fevereiro de 1846, os ingleses Guillermo Partington e Eduardo Oliver Manby constituíram em Madrid, junto com outros sócios, entre os quais se encontrava o grupo do Marquês de Salamanca, e com um capital de doze milhões de reales, a Sociedad Madrileña

para el Alumbrado de Gas, cujo objetivo era introduzir na vila de Madrid a iluminação pública e particular através do gás. A constituição do primeiro órgão do governo foi concretizada com José de Salamanca como presidente, figurando como diretores os membros de seu grupo: Pedro Surrá, Mariano Carsi, José Buschental e Nazario Carraquiri, além dos dois especialistas ingleses Partington

e Manby. No entanto, para chegar a esse ponto, foram necessários muitos acontecimentos ao longo de quinze anos.

A história começou quando a Prefeitura de Madrid convocou, no dia 3 de março de 1831, uma licitação de projetos para iluminar a cidade através do gás, e essa foi a primeira licitação realizada na Espanha. Enquanto os projetos eram apresentados, a própria Prefeitura começou a instalar iluminações de gás efêmeras, para comemorar o nascimento de Maria Luisa Fernanda, segunda filha de Fernando VII. Esse evento foi autorizado pelo rei, e o responsável por esse trabalho foi José Roura, titular da cátedra de Química da associação comercial de Barcelona. Por outro lado, o ministro da Fazenda, López Ballesteros, também convenceu o rei a construir uma fábrica de gás para o serviço do Real Palacio de Madrid, designando para o desenvolvimento do projeto José Luis Casaseca, titular da cátedra de Química do Real Conservatório de Madrid.

**Primeiros passos.** Assim, com todos esses elementos, em 1832 foram realizadas as iluminações pontuais previstas, e no ano seguinte, foi inaugurada a fábrica para o consumo exclusivo do Palácio, assim como adjudicada a concessão da iluminação definitiva da Vila a Viejo Medrano.

Porém os anos foram passando e o concessionário, Viejo Medrano, se perdia em discussões com o diretor da fábrica do Palácio; e não desenvolvia realmente nenhuma atividade. Posteriormente, a concessão começou a passar por diferentes mãos, inclusive as dos empresários do gás de Barcelona, Charles Lebon e José Gil, que começaram muito mais tarde, mas já tinham conseguido iluminar os primeiros faróis de Barcelona, isso em 1842. Entretanto, também não conseguiram que o tema avançasse, e a mudança de titulares da concessão continuou.

Finalmente, em 1846, os ingleses Partington e Manby, com o apoio do grupo do Marquês de Salamanca, receberam a concessão, criaram a empresa e a colocaram em funcionamento. A fábrica foi construída



■ Vista geral da fábrica da Rua Toledo.

para destilar carvão na região de Ronda de Toledo, onde nessa época ficava a sede social da Enagas. E foram feitos os primeiros testes de iluminação no passeio do Prado e na rua do Lobo, colocando em funcionamento o sistema em 1847.

Superados os primeiros problemas, o horizonte parecia se abrir, principalmente quando em 1º de abril de 1848, a Sociedad Madrileña começou a ser adicionalmente o gestor da fábrica do Real Palacio.

No entanto, no dia 11 de abril do mesmo ano, formou-se a assembleia de acionistas da sociedade e o cenário ficou radicalmente diferente: a crise da Bolsa de Madrid, que tinha afundado quase todas as sociedades de ações criadas nos últimos anos, também afetava a Sociedad Madrileña; o Marquês de Salamanca tinha fugido da Espanha e a sociedade estava praticamente quebrada. Os diretores ingleses foram substituídos inicialmente por Melitón Martín de Bartolomé, e em setembro de 1848, com Gregorio López Mollinedo começou uma certa estabilidade da atividade, apesar da perda da administração da fábrica do Real Palacio, que passou a ser feita por José

Manby, irmão de um dos criadores da Sociedad Madrileña.

A solução definitiva só chegou alguns anos mais tarde, quando na Espanha foram reguladas as Sociedades de Crédito, com a Lei de 28 de janeiro de 1856. Uma delas, o Crédito Mobiliario Español, filial do Crédit Mobilier francês dos irmãos Pereire, tomou em 1856 o controle da sociedade do gás de Madrid, dentro de uma estratégia de desenvolvimento de minas de carvão em Palencia, ferrovias no norte da Espanha, e um grande consumidor de carvão no final da linha de trem em Madrid: a companhia de gás. Com isso, assegurava vender o carvão e um mínimo de ocupação da capacidade de transporte da via férrea.

Depois a sociedade mudaria de nome em 1865, denominando-se Compañía Madrileña de Alumbrado y Calefacción por Gas até 1917, ano em que é municipalizada pela Prefeitura de Madrid. Para o processo de privatização desenvolvido em 1921, foi criada uma nova sociedade denominada Gas Madrid, S.A. que finalmente foi absorvida pela Catalana de Gas no dia 31 de dezembro de 1991, constituindo-se assim a Gas Natural sde, S.A.

A história começou quando a Prefeitura de Madrid convocou, em 1831, a primeira licitação de projetos da Espanha para iluminar a cidade através do gás